

*Des-pensar para re-pensar o modernismo brasileiro a partir de Silviano Santiago: por uma epistemologia descolonial*

Pedro Henrique Alves de Medeiros<sup>1</sup>  
Edgar César Nolasco<sup>2</sup>

Se o movimento modernista enquanto 'força fatal', para retomar a expressão de Mário, era um fogo que ardia, agora o modernismo é um fogo que esquentava a panela. (SANTIAGO, 2002a, p. 98, grifos meus)

Este trabalho tem por objetivo delinear uma leitura de viés descolonial do movimento modernista brasileiro simbolizado pela Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922 no Teatro Municipal de São Paulo. Para isso, tendo em vista que a presente discussão está circunscrita pelo projeto maior de tese de doutoramento atravessada pela presença do escritor e crítico Silviano Santiago, utilizarei como ponto de partida tanto ensaios do referido intelectual, seja pelo crivo da semelhança ou da diferença, quanto os conceitos de des-pensar de Boaventura de Sousa Santos e opções descoloniais de Walter D. Mignolo. Nesse intento, compreendo que a premissa basilar das reflexões pode ser entendida através do que Mignolo (2008) conclamou de aprender a desaprender para re-aprender muito do que aprendemos e, sobretudo, o que nos ensinaram sobre como aprender (SANTOS, 2019), aqui, em especial, no que se refere ao movimento paulista. Ademais, evoco, ainda, a possibilidade autorreflexiva de des-pensar apregoada à epistemologia crítico-biográfica fronteiriça com o objetivo de construir uma teorização com base no modernismo endossada pela lógica *outra* e não-moderna da descolonialidade.

Na esteira de Silviano, concordo com o mineiro quando afirma que *distinguir é a base da reflexão crítica, pois o fazemos para pesar elementos diferentes e melhor avaliá-los, separar o joio do trigo* (SANTIAGO, 2002a, p. 86). Por isso, exerço a reflexão e, por consequência, a prática das opções descoloniais de me debruçar justamente sobre a lacuna teórica a qual a crítica brasileira ignorou não só no âmbito do modernismo, mas do Brasil atravessado pela matriz colonial de poder imperante há séculos. Na chancela da suposta *tábula rasa* (SANTIAGO, 2002b, p. 193) inventiva de 1922, ensejando aquilatar o novo na cultura do país, desconsiderou-se o alertado por Euclides de Cunha acerca dos perigos da homogeneização nacional (SANTIAGO, 2002b, p. 86), principalmente em termos de padrões militares, e é justamente nesse lugar do si-mesmo, da universalização abstrata, do um falando pelo todo, que se situa

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC).

<sup>2</sup> Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC).

minha *práxis* da des-leitura modernista. Calcados nessa esfera, perfilou-se uma preocupação estética exacerbada com a ruptura dos padrões parnasianos em vigor angariando a novidade nas artes e nas literaturas sem se voltar para os reais problemas modernos/coloniais de um país que se pretendia independente.

Pelo contrário, mesmo a Semana de Arte Moderna tendo sido realizada também como uma forma de comemoração dos cem anos de independência política do Brasil (BOAVENTURA, 2008), seu *modus operandi* se pautou eminentemente pelo endosso à dependência da colônia à metrópole, sendo essa premissa replicada, em geral, pela crítica revisionista do movimento. Dito de outra forma, o modernismo, dotado de boa vontade, embebeu-se do eurocentrismo latente quase que como filtro e legitimação do que era válido enquanto arte, literatura e conhecimento para apregoar uma ideia, não descolonizada, de Brasil e, mais do que isso, de produção artística do/no país. Tal qual expôs Oswald de Andrade: “‘Um pugilo pequeno, mas forte, prepara-se para valer o nosso Centenário’.” (ANDRADE *apud* BOAVENTURA, 2008, p. 14). Calcado nas problematizações expostas, entendo que as reflexões descoloniais aqui delineadas só são possíveis devido ao fato da existência de formulações críticas outrora realizadas, geridas ou não pelas opções descoloniais, e permeadas no cotidiano contemporâneo (DUSSE, 2020) de nossos debates em um contexto global (DUSSE, 2020) enviesado pela colonialidade mascarada de globalização.

Então, o que se coloca em primazia no meu discurso de des-leitura se dá tanto sobre como os modernistas conseguiram ou não enxergar e lidar com a colonialidade imperante no Brasil quanto à forma que a crítica revisitou acriticamente esse fato, desprezando-o por ignorância conceitual, tendo em vista seu flerte constante com a modernidade e seus pós. Sendo assim, um dos pontos fulcrais das minhas reflexões se situa justamente naquilo que Homero Senna explicitou aferindo que os modernistas brasileiros *traçaram linhas divisórias rígidas, mas arbitrárias, entre o bom o mau, querendo destruir tudo que ficara para trás e condenando, por extensão, muito do que deveria ser salvo* (SENNA *apud* CARDOSO; SOUZA, 2014, p. 22). A esse fato, correlaciono a visada pós-abissal de Boaventura quando descortina a força motriz do pensamento moderno ocidental dualista de se construir com base em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que essas fundamentam aquelas (SANTOS, 2010).

Em outras palavras, a modernidade/colonialidade delinea fronteiras passíveis de definirem espaços de existência e legitimidade (SANTOS, 2010), o que se situa além desses limites desaparece enquanto realidade simultânea e contemporânea possível sendo relegado à insígnia do outro (SANTOS, 2010). Logo, a centralidade de um pensamento de cunho abissal

é justamente a impossibilidade de co-presença entre ambos os lados das linhas previamente estabelecidas (SANTOS, 2010), há que se prevalecer um dos binôminos enquanto realidade possível para que o outro se dissipe quase que completamente sequer enquanto opção (SANTOS, 2010). É a partir disso, da problematização do pensamento binário, criador e ao mesmo tempo excludente do que é possível ou não, que as opções descoloniais emergem à luz dos pensamentos e dos corpos atravessados nas fronteiras contrapostos aos supostos ideais de modernização, emancipação, independência e ruptura do modernismo.

Com isso, intento delinear que o Brasil continua não dando conta de lidar com a modernidade/colonialidade que imperou e continua em estado latente de execução nos mais diversos âmbitos, sejam esses políticos, artísticos, literários, sociais, culturais etc. O modernismo e, por extensão, suas revisitações acríticas acabam por alimentar uma lógica moderna/colonial de que não conseguimos pensar por nós mesmos deste lado da linha, ou melhor, definir nossas próprias características de *brasilidades* sem o intermédio do vínculo placentário com o europeu. Pelo contrário, volta-se as costas para América Latina e para as fronteiras do país reforçando um elo binário entre ex-colônia e metrópole destituído de qualquer opção descolonial, desobediência epistêmica ou desprendimento ao endossar aos grupos marginalizados seus lugares de “outros” sendo supostamente “representados” pelas vozes artísticas da elite cultural paulista, ou, para me valer dos seus próprios termos obedientes e não desprendidos, da dita *renascença paulista* (ANDRADE, 2008a, p. 39).

Isso, pois, Mário de Andrade, ao escrever sobre a arte moderna em artigo da época, afirma “Assim, ensina, com firme e profunda erudição, regras e bases, homens e feitos do futurismo, dando aos seus leitores notícias exatas sobre a nova e muitas vezes simpática renascença italiana, deixando-as [...]” (ANDRADE, 2008a, p. 39) e continua “[...] porém, na mesma e eterna escuridão a respeito da renascença paulista, de que a Semana de Arte Moderna será um divertido e porventura magnífico estalão.” (ANDRADE, 2008a, p. 39). No bojo da lógica binária, paradigma sustentador da modernidade/colonialidade, trago à baila novamente Mário de Andrade:

Já raciocinou sobre o chamado 'belo horrível'? É pena. O belo horrível é uma escapatória criada pela dimensão da orelha de certos filósofos para justificar a atração exercida, em todos os tempos, pelo feio sobre os artistas. Não me venham dizer que o artista, reproduzindo o feio, horrível, só porque está expressado com grandeza, comoção, arte, é desvirtuar ou desconhecer o conceito da beleza. Mas feio – pecado... (ANDRADE, 2017, p. 12)

Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos

conduzir a essa idealização livre, musical. (ANDRADE, 2017, p. 17)

Escritor de nome disse dos meus amigos e de mim que ou éramos gênios ou bestas. Acho que tem razão. Sentimos, tanto eu como meus amigos, o anseio do farol. Si fôssemos tão carneiros a ponto de termos escola coletiva, estaria por certo o 'Farolismo'. Nosso desejo: aluminar. A extrema-esquerda em que nos colocamos não permite meio-termo. Si gênios: indicaremos a seguir; bestas: naufrágios por evitar. (ANDRADE, 2017, p. 24)

Face ao exposto nos recortes supracitados, direciono minha teorização atravessada pelo des-pensar das opções descoloniais menos para seus conteúdos temáticos em si mesmos e mais para a operacionalização da razão paradigmática por trás do discurso modernista de Mário de Andrade, isto é, o binarismo intrínseco à forma que o escritor formulava suas reflexões, por exemplo, nas oposições entre arte bela e horrível ou até mesmo no modo como os modernistas eram enxergados enquanto gênios ou bestas. Essa escolha temática de discussão se justifica com base na premissa descolonial de que *se busca alterar os termos da conversa e o seu conteúdo* (MIGNOLO, 2017a). Logo, nesse momento, interessa-me desvelar que por mais que a teoria basilar de 1922 fosse a estética da ruptura, desvio, ironia e transgressão dos valores passadistas (SANTIAGO, 2002c), conforme Silviano apontou, a perspectiva ideológica mascarada pelo *make-it-new* era a imanência binária da modernidade/colonialidade de definição do si-mesmo e dos supostos outros.

Ou seja, a operacionalização do dualismo entre o que era legítimo, possível, aceitável ou até mesmo existente ou não, aos moldes abissais corroborados por Boaventura. Em outras palavras, Silviano me é necessário para entender o panorama binário de 1922 ao tracejar, em relação à época, *os perfis de intelectuais intolerantes, com feições totalitárias e pouco democráticos em seus desejos revolucionários, uma vez que ensejavam modernizar o Brasil e atualizar suas artes por intermédio da destruição de seus opositos* (SANTIAGO, 2002a, p. 89). Nesse sentido, sou correlato ao meu mineiro, ainda que ora ou outra ele barganhe com a modernidade e seus pós, quando descortina o *modus operandi* do pensamento modernista que, pelo crivo pluriversal das opções descoloniais localizadas especificamente na contracorrente de qualquer universal abstrato, endossa a mesma razão moderna/colonial que o alocou no lugar de subdesenvolvimento, terceiro-mundista e provinciano por emergir a partir do Sul global do planeta, assim como eu, um pesquisador homo-biográfico que escre(vi)ve com base na condição de atravessamento fronteiriço epistemológico e geoistórico.

Ainda na esteira do mineiro, *toda avaliação é feita em favor de alguma coisa* (SANTIAGO, 2002a, p. 96) e isso se relaciona com todos os contextos artísticos, literários e críticos aqui discutidos: desde os agentes do modernismo paulista, passando pelas revisitações acrílicas no plano da colonialidade nesses cem anos transpassados até o estágio atual em que

me situo des-lendo 1922 pela égide das opções descoloniais. Utilizando-me dos termos de Silviano, minha avaliação aqui desenhada projeta, portanto, um caminho orientado pelas opções descoloniais que é pluriversal tanto ao modernismo em si mesmo quanto às revisitações acríticas que dele fizeram, visto que não delinea linhas divisórias passíveis de definirem uma única “opção” (MIGNOLO, 2017b) – até mesmo porque sendo singular, não se configuraria enquanto escolha, mas uma obrigatoriedade. Com tal premissa em mente, entrevê-se que é através das sensibilidades e histórias locais *outras* que essas opções descoloniais são passíveis de serem construídas para além da centralidade do si-mesmo.

Entrecortadas pela égide da não-obrigatoriedade, tal qual a modernidade/colonialidade vem impondo às nossas mentes e corpos fronteiriços, as opções descoloniais *esclarecerem que todas as outras eleições críticas também são escolhas e não unicamente o caminho irrevogável da história que precisa ser seguido para se obter qualquer migalha de legitimação ou existência possível* (MIGNOLO, 2017b, p. 13). Desse modo, suas emergências no plano dos pensamentos e das práticas *outras* de ser, viver, pensar e escre(vi)ver entrecortado pelas fronteiras, à maneira que escre(vi)vo dos trópicos crepusculares de Campo Grande, mostram-nos a possibilidade pluriversal de que muitos mundos possam co-existir (MIGNOLO, 2017b).

Suas metas, então, esclarecem a nós, pesquisadores aportados em um paradigma *outro* do des-pensar, que as formulações críticas não podem mais se dispenderem ao coro uníssono daquilo que foi supostamente “sacralizado” no âmbito das teorias enquanto a única opção disponível (MIGNOLO, 2017b), seja no caso do modernismo brasileiro, como venho me debruçando sobre, ou em termos globais dos ditos “mestres hegemônicos do conhecimento”. Esses, por sua vez, reverenciados à exaustão pelos modernistas, como Mário de Andrade em seu “Prefácio interessantíssimo”, “Você já leu São João Evangelista? Walt Whitman? Mallarmé? Verhaeren?” (ANDRADE, 2017, p. 09) e, em outro momento, “Homero já escrevera que a terra mugia debaixo dos pés de homens a cavalos. Mas você deve saber que há milhões de exageros na obra dos mestres.” (ANDRADE, 2017, p. 12). Ademais, ainda a exemplo da obediência ao vínculo placentário eurocêntrico de Mário, cito:

E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias-avós que bebeu; e o que autor deste livro seria hipócrita si pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem. [...] Livro evidentemente impressionista. Ora, segundo modernos, erro grave o Impressionismo. Os arquitetos fogem do gótico como da arte nova, filiando-se para além dos tempos históricos, nos volumes elementares: cubo, esfera, etc. Os pintores desdenham Delacroix como Whistler, para se apoiarem na calma construtiva de Rafael, de Ingres, do Greco. Na escultura Rodin é ruim, os imaginários africanos são bons. Os músicos desprezam Debussy, genuflexos diante da polifonia catedralasca de Palestrina e João Sebastião Bach. A poesia... 'tende a

despojar o homem de todos os seus aspectos contingentes e efêmeros, para apanhar nele a humanidade' (ANDRADE, 2017, p. 08)

Na esfera da não-desobediência e do não-desprendimento de Mário de Andrade em relação à obra dos mestres (ANDRADE, 2017, p. 12) eurocêntricos, à ilustração do que as citações apostas explicitam, entrevê-se a reafirmação do que as opções descoloniais convocam em seu bojo epistêmico como nó histórico-estrutural estético (MIGNOLO, 2017b). Esse se coaduna enquanto uma hierarquia estética no âmbito da arte, literatura e afins operado através das instituições (museus, escolas e semanas artísticas, revistas etc.) (MIGNOLO, 2017b) no intuito de administrarem *os sentidos e a moldagem das sensibilidades estabelecendo normativas do que seria belo, sublime, arte e, por extensão, o que será incluído, excluído, ignorado ou premiado* (MIGNOLO, 2017b, p. 11). Como reafirmação dessa estrutura estética moderna/colonial no pensamento modernista, ilustrado através de um dos seus precursores, Mário, relembro o explicitado por Silviano quando desenha em “Fechado para balanço” os perfis desses intelectuais que eram intolerantes, com feições totalitárias e quase nada democráticos em suas inquirições revolucionárias ensejando modernizar o Brasil e atualizar suas produções pelo crivo da destruição dos seus opostos (SANTIAGO, 2002a).

Por isso, quando Mário afirma que *está atrasado dos movimentos artísticos atuais por ser um passadista confesso e não liberto das teorias-avós que bebeu* (ANDRADE, 2017, p. 12), lê-se descolonialmente seu endosso às *epistemes e práxis* modernas/coloniais que o situou, e continua nos localizando ainda hoje em 2022, no lugar da dependência latina, brasileira e fronteira em relação ao eurocentrismo e, mais do que nunca na atualidade capitalista, ao imperialismo selvagem estadunidense. Na égide do eurocentrismo, concebo-o não pela chancela de uma localização geográfica (MIGNOLO, 2008), mas, eminentemente, pela égide da hegemonia de uma forma de pensar versada nos termos greco-latinos e nas línguas europeias-imperiais da modernidade colonial (MIGNOLO, 2008). Nesse preciso sentido, compreendo que pautados no binarismo segregador, na ignorância em relação às bordas, fronteiras e margens, no alimento retroativo às epistemologias do Norte global, o modernismo e, mais do que nunca, muitas das suas revisitações acabaram, com intencionalidade ou não, reverberando a lógica moderna/colonial de paradigmas monotópicos e universais (MIGNOLO, 2008) ignorando quaisquer possibilidades pluritópicas e pluriversais (MIGNOLO, 2008) discutidas no cotidiano do século XXI pela descolonialidade.

O exposto se justifica, novamente, através de Mário quando afirma “Canto da minha maneira. Quem me importa si não me entendem? Não tenho forças bastantes para me universalizar? Paciência.” (ANDRADE, 2017, p. 24). Ademais, pontua ainda “Costumo andar

sozinho.” (ANDRADE, 2017, p. 16) e “Você está reparando de que maneira costume andar sozinho.” (ANDRADE, 2017, p. 21). Contrariamente ao exposto pelo escritor paulista, sua “andança” artística não se construiu de maneira solitária, mas, sim, através da reiteração da hegemonia da modernidade colonial povoada dos espectros de Walt Whitman, Mallarmé, Verhaeren, Homero, Delacoroix, Whistler, Rafael, Rodin, Debussy, Bach dentre muitos outros referenciados, quase que como uma obrigatoriedade universal para se produzir Arte ou Literatura (com iniciais maiúsculas) “legítimas” em território brasileiro. Ainda no seio da subserviência modernista ao eurocentrismo, descortinam-se artigos de jornais da época com epígrafes selecionadas por Mário de portugueses como Fr. Luís de Souza, Camões, D. Dinis e Rui Barbosa (BOAVENTURA, 2008, p. 25).

Calcado nesses intertextos modernistas com a subserviência ao eurocentrismo, discordo de Mário quando responde ao seu próprio questionamento sobre sua falta de forças para se universalizar a partir da expressão “paciência”. Do modo como os exemplos citados resguardam, perfilou-se ali, na efervescência de 1922, a tentativa de formulação do novo não através daquilo que estava escondido ou invisibilizado nas fronteiras do Brasil, mas pelo crivo das teorias itinerantes que viajaram e continuam transitando dos centros globalizados para as margens do Sul global, à revelia ou não dos intelectuais dessas terras ditas “independentes” pensando supostamente a partir dos seus próprios termos críticos e artísticos. Por isso, como condição *sine qua non* de uma perspectiva fronteiriça, só posso efetuar a des-leitura aqui proposta se o fizer pela eminência das opções descoloniais emergidas das exterioridades (MIGNOLO, 2017b) do mundo moderno/colonial entrecruzando em minhas teorizações os saberes, histórias locais, sensibilidades e corpos *espremidos entre as línguas e categorias do conhecimento imperial* (MIGNOLO, 2017b, p. 12) alimentados pelo modernismo e suas rememorações, em especial, no centenário comemorado em 2022.

Isso claro, ainda no crivo do nó histórico-estrutural estético modernista, subjaz a compreensão *outra* de que as hierarquias linguísticas caminham lado a lado às do conhecimento, das artes e das literaturas (MIGNOLO, 2017b) se sobressaindo o fato de que suas expansões mundiais definiram as regras de julgamento e avaliação das expressões emergidas da Europa e, de maneira primordial, do mundo não-europeu (MIGNOLO, 2017b), ainda que esse, no âmbito do modernismo paulista, ensejasse a modernização como desejo vital de institucionalização e existência relevante. Recaindo ainda na necessidade de universalização, Mário de Andrade assevera que “Graça Aranha, em São Paulo, viu o que não cria existir no Brasil: um grupo de rapazes sabedores da mais recente arte universal.” (ANDRADE, 2008b, p.

57), ademais, continua afirmando que “Não se limitavam eles, porém, a conhecer as novas orientações, senão que as praticavam em obras, porque independentes de Chinas e Groelândias, perfeitamente atuais e brasileiras.” (ANDRADE, 2008b, p. 57).

Diante das assertivas proferidas pelo autor de *Pauliceia desvairada* (1922), urge a necessidade de obliterarmos a falaciosa compreensão de que a modernidade seria o conceito universal de um *período histórico do qual não podemos escapar* (MIGNOLO, 2008, p. 316). Muito pelo contrário, neste trabalho, modernidade se configura enquanto a narrativa hegemônica de um momento histórico criado pelos agentes *humanitas* que tomaram para si-mesmos o protagonismo de tudo aquilo que estivesse ao seu alcance (MIGNOLO, 2008). Através desse lugar de manutenção do poder global, disseminou-se a suposta visão heroica e triunfante da História (com inicial maiúscula) que o eurocentrismo estaria “ajudando” a construir (MIGNOLO, 2008), em termos geopolíticos, entende-se modernidade enquanto a cosmologia da modernidade/colonialidade e, de modo primordial na atualidade, do capitalismo imperial (MIGNOLO, 2008). Face a esse entendimento *outro*, desenha-se a contradição inerente ao *modus operandi* modernista de querer se modernizar a todo custo pelo crivo da estética de ruptura, discutida por Silviano (2002c), a qual se pautou de maneira proeminente nas vanguardas europeias, como no cubismo, futurismo, dadaísmo, expressionismo etc.

Nesse ínterim, entendo que penso, escre(vi)vo e re-existo com base no atravessamento do meu corpo homo-biográfico<sup>3</sup> incrustado na fronteira-sul geoistórica e epistemológica em estado de fricção constante entre as teorizações que emergem dos preceitos não-modernos contrapostos às teorias itinerantes que por essas terras se hospedaram, à revelia de alguns e, também, pela benesse de muitos outros. Por isso, só posso teorizar com base na premissa das opções descoloniais, nunca pelo endosso acrítico não desobediente e não desprendido em relação ao Norte global que só incutiu a nós o lugar de periferia do planeta. As opções descoloniais são, portanto, a resposta epistêmica direcionada às *narrativas, mentiras e ficções das promessas de progresso, desenvolvimento e modernização que a modernidade contempla, como a violência da colonialidade* (MIGNOLO, 2017a, p. 13), ignorada pelos seus defensores implacáveis no âmbito das universidades e das produções que nela se engastam, em específico, no viés de endosso à tradição do modernismo, ainda que transcorridos cem anos de sua ascensão.

---

<sup>3</sup> Sobre o conceito “homo-biográfico”, consultar minha dissertação de mestrado intitulada “Entre *homo-biografias* e *escrevivências* de Silviano Santiago: exercícios de crítica biográfica fronteiriça” disponível no repositório da CAPES.

À guisa de encerramento, por serem epistêmicas (MIGNOLO, 2008), as opções descoloniais implicam o desvinculamento dos fundamentos ocidentais versados nas bases greco-romanas e nas línguas imperiais (MIGNOLO, 2008), todavia, desvínculo não implica abandono, ignorância ou deslegitimação ao que já foi disseminado por todos os cantos do planeta (MIGNOLO, 2008) globalizado. Significa, pluriversalmente, a tomada de consciência dos des-sujeitos *anthropos* que elegem *aprender a desaprender para re-aprender* (MIGNOLO, 2008, p. 290) por vias de um paradigma *outro* estabelecido pela ruptura com o vínculo placentário colonial. Intenta-se, por consequência, o estrado basilar da pluriversalidade (MIGNOLO, 2008) enquanto única condição existencial de um imaginário universal (MIGNOLO, 2008) obliterando quaisquer tentativas de universalismos abstratos que se apresentem como a única condição existente para tudo e todos, seja no âmbito dos conhecimentos, das artes, das literaturas, das políticas etc. Desse modo, encerro minhas formulações de um des-modernismo assegurando que *a era da abstração universal chegou ao fim* (MIGNOLO, 2008, p. 321), logo, o endosso ao coro unísono das críticas acríicas também não se realiza nesta tese, dado que penso, sobrevivo e re-existo a partir da exterioridade fronteira em um lócus epistêmico vis-à-vis à hegemonia que *construiu e erigiu um exterior a fim de assegurar sua própria interioridade* (MIGNOLO, 2008, p. 304).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Prefácio interessantíssimo. In: ANDRADE, Mário de. *Pauliceia desvairada*. São Paulo: Novo Século Editora, 2017.

ANDRADE, Mário de. Arte Moderna II: iluminações inúteis. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a, p. 39-40.

ANDRADE, Mário de. As duas irmãs IV: neblinas, neblinas. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b, p. 57-58.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. Introdução: chuva de batatas. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia. *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 13-28.

CARDOSO, Marília Rothier; SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidade toda prosa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

DUSSE, Fernanda. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago. In: MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de; NOLASCO, Edgar César (org.). *Um livro para*

*Silviano Santiago: entre-lugares críticos e literários*. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 97-117.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: <[http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf)>. Acesso em: 08 jul. 2023.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017a. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017b. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 08 jul. 2023.

SANTIAGO, Silviano. Fechado para balanço. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002a, p. 85-107.

SANTIAGO, Silviano. O intelectual modernista revisitado. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002b, p. 193-205.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002c, p. 108-144.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.